

CÁSSIA PIRES

Sal nos Lábios do Tempo



EDUFMA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Reitor Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva
Vice-Reitor Prof. Dr. Leonardo Silva Soares



SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

Diretor Prof. Dr. César Augusto Castro



EDUFMA

EDITORA DA UFMA

Coordenadora Irenilma Cadête Lima
Conselho Editorial Profa. Dra. Andréa Katiane Ferreira Costa
Profa. Dra. Débora Batista Pinheiro Sousa
Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa
Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva
Profa. Dra. Jussara Danielle Martins Aires
Profa. Dra. Karina Almeida de Sousa
Prof. Dr. Luís Henrique Serra
Prof. Dr. Luiz Eduardo Neves dos Santos
Profa. Dra. Luma Castro de Souza
Prof. Dr. Márcio José Celeri
Profa. Dra. Maria Áurea Lira Feitosa
Profa. Dra. Raimunda Ramos Marinho
Profa. Dra. Rosângela Fernandes Lucena Batista
Bibliotecária Márcia Cristina da Cruz Pereira



Associação Brasileira das Editoras Universitárias



Esta obra está licenciada sob uma Licença

Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Compartilha

Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0).

CÁSSIA PIRES

SAL NOS LÁBIOS DO TEMPO

São Luís



2026

© 2026 EDUFMA - Todos os direitos reservados

Projeto Gráfico, diagramação e capa

Marcello Chalvinski

Revisão

José Silveira

Imagem

Susana Pinheiro

Pires, Cássia.

Sal nos lábios do tempo / Cássia Pires. — São Luís: EDUFMA, 2026.
67 p.: il.

ISBN: 978-65-5363-589-0

1. Literatura maranhense – Poesia. I. Título.

CDD 869.91

CDU 869.0(812.1)-1

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Laís Dayane Lima Pereira Maia

CRB 13/735

CRIADO NO BRASIL [2026]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microfilmagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

| EDUFMA | EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Av. dos Portugueses, 1966 | Vila Bacanga CEP:

65080-805 | São Luís | MA | Brasil Telefone: (98)

3272-8157

www.edufma.ufma.br | edufma@ufma.br

Sumário

SAL NOS LÁBIOS DO TEMPO	3
CÁSSIA PIRES, POESIA E REMINISCÊNCIAS	7
I - O SAL DA ORIGEM	9
(Cássia Pires)	9
SAGRAR.....	11
DETALHE QUE PROPICIA VIDA	13
O FIM	15
SAUDADES	17
ACIDEZ.....	19
INCÔMODO	21
CLIMA.....	23
O PALCO	25
“ADORÁVEL” ATMOSFERA	27
FÚRIA.....	29
“1 MG”	31
O MAR.....	33
VERTIGEM PARA SALVAÇÃO	35
“THZSSSSSS...”	37
TIME.....	39
É VIDA AINDA.....	41
PENÚLTIMOS SUSPIROS	43
(OUTRAS) HORAS.....	45
INSINCERIDADE.....	47
MESA DE BAR.....	49
II - O SAL EM OUTROS LÁBIOS	51
(Poetas Convidados).....	51
VOLTA.....	52
CASA DAS TULHAS.....	54
ODE AO POETA NÁUFRAGO	55
PARA QUE ME AMEM.....	56
CONTEMPLAÇÃO DA AMPULHETA.....	59
NO BATUQUE DA MEMÓRIA	60
ALCÂNTARA.....	61
ARREPSIA.....	62
ORÁCULO.....	65
O TERCEIRO LADO DA PONTE	66

*Só as coisas que caminham silenciosamente sem ostentar o desespero latente
podem explodir na medida da própria fome à altura da própria dor.*

Dyl Pires

DYL PIRES Graduado em Teatro, por três décadas foi ator e poeta. Participou dos espetáculos: Roberto Zucco (Prêmio Shell e APCA de melhor espetáculo - 2010), e Satyros Satiricon, entre outros. Na literatura, escreveu: Éguas, poema-livro sobre a cidade de São Luís (Pitomba, 2017), Ninguém quer o futuro (Urutau, 2023), Última carta na manga da cantora careca, (Urutau, 2022) e Vende-se um artista perdido (Mondru, 2024).

CÁSSIA PIRES, POESIA E REMINISCÊNCIAS

Cássia Pires me confessa que, com este Sal nos Lábios do Tempo, ela quer resgatar memórias. Suas e de um tempo. Basicamente, resgatando poemas germinantes naquele arco de tempo perceptível nas datas que ela conserva subscritas nestes textos, e que corresponde à segunda metade dos anos 1990 e os primeiros anos da década de 2000, anos intensos em São Luís do Maranhão, em que uma geração de artistas, poetas, professores que hoje atuam fortemente, estava se criando, efervescendo.

Foi um momento de um revival de um clima boêmio da Praia Grande, a qual tomou, por metonímia, o nome de “Reviver”, do Projeto Reviver, restauração arquitetônica e habitacional do Centro Histórico de São Luís, cujas fachadas recuperadas, sobradões, bares acessíveis funcionando, reggae invadindo as noites, frequentadores assíduos indo comer camarão ou bode no leite de coco, enquanto tomavam sua cerveja na Casa das Tulhas (ou Feira da Praia Grande), propiciavam os encontros de artistas e criadores – ou simplesmente de perambulantes, que iriam passar ali suas noites e dias. Isso proporcionava o encontro, a discussão poética e, sim, o crescimento vital de uma geração que se encontrava em meio às seculares paredes *azulíricas*, mas buscando uma nova linguagem. Cássia está ali também. E, com um grupo de artistas, trilhando entre o teatro e a poesia, cria o Grupo Abluir, e tenho orgulho de que um dos primeiros textos encenados por esse Grupo foi o meu poema em prosa Carta a Madré 2º Pacote, encenado por eles inclusive em meio às noites histórico-fantasmagóricas de Alcântara, Maranhão.

O núcleo teatral vinha basicamente do Curso de Teatro da UFMA, que tinha à frente o saudoso ator, teatrólogo e professor Luís Pazzini com suas clássicas encenações nos corredores daquela Universidade e, também, dos cursos do dramaturgo Tácito Borralho. O núcleo poético vinha da comunidade, sim, mas também dos grupos já estabelecidos, os *Párias*, o *Poeme-se* e depois o *Curare*, além de poetas que brotavam no Curso de Letras, de Comunicação e de Filosofia da UFMA. Os palcos, ou a concentração dessa ebulição poética foram os festivais de poesia falada da UFMA, principalmente os festivais da UEMA e os espaços expositivos do Centro de Criatividade Odylo Costa Filho.

Em resumo, um banco de memórias em que a arte, como um todo, se encontrava entretecida. Não é à toa que a atriz Cássia Pires, hoje influente professora universitária, também incursiona pela poesia, já desde aquele momento.

São as reminiscências desse tempo de germinação artístico-cultural e de uma poética vital que se manifestam aqui, com o desejo da autora de demarcar a importância do resgate e de salvaguardar a memória, impulsionando, a partir dos escritos presentes, novas falas, epifanias, *relembrações* poéticas, que nasçam e se criem como testemunhas de uma experiência, que é, sobretudo a experiência do viver, e sua sublimação através de uma escrita que leve o guardado do peito para a tocante continuidade do sensível. Mas estes são fatos

que justificam a presença de uma escolha, do entorno justificável de uma seleção que resgata os poemas de uma época. Quanto a eles mesmos, os poemas em si, já revelam outros rumos, aqueles das experiências e dos relatos do corpo, de um vitalismo que remete às relações com o outro e à descoberta de um mundo que parece frustrar as expectativas desse “eu” que a ele se entrega. Um mundo em que a expectativa do prazer e aquilo que era para ser gozo encontra o desconforto, o incômodo, a impossibilidade, a opressão, a acidez, o “estupro” dos limites.

O corpo está entregue à circunstância em que mesmo o extravasamento não vem do orgasmo, mas da punção da dor. Neste cenário, mesmo a palavra, o atributo “adorável” acaba por ganhar o sentido de uma ironia: “a-dor-ável”. A resposta para isso é uma revolta, às vezes contida e magoada, às vezes explosiva, onde, como no emblemático poema Acidez, “a magia perde-se em [transtorna-se em] revolta”. O que resta é um retesamento, mas uma força telúrica contra a violência: “estou farta / das feridas expostas / ou só cobertas por capas / e me é perfurado / o ferro em espeto / a jorrar as lágrimas de pulsos / estrangulados” (poema Detalhe que propicia a vida). E se a poeta enseja que sua poesia evoque a imagem do mar, o mar aqui ainda é um panejamento do corpo, ou onde esse corpo é pesadamente lançado para seu afogamento/sufocamento, para o aprisionamento dos seus gemidos como âncora enferrujada, imagens implodidas pelos estertores: “a cabeça presa em enferrujadas âncoras / lançadas ao mar / e os gritos vêm... / cambaleados entre as algas / em gemidos sufocados” (poema O mar).

Com seu Sal nos Lábios do Tempo, a poeta Cássia Pires nos imerge, portanto, nesse duplo contraste: entre o ato de resgate público e contextual da memória e o choque íntimo e escritural daquilo mesmo que transtorna; a visão de um mar que se constrói como imagem desejante e a de um gélido receptáculo, onde uma cabeça vilipendiada cambaleia entre os sargaços. Ela entrega, portanto, ao leitor, o desafio de entretecer, e de compreender que um dos méritos da poesia é nos permitir harmonizar em nossa sensibilidade o universo do tempo, das vivências e das reentrâncias.

I - O SAL DA ORIGEM

(Cássia Pires)



SAGRAR

Deus,

és quem está há perceber

a dessacralização da pureza de um corpo

o nu vergonhoso do gozo

da marginalização à purificação

que seja eu, o ser queimado

pelo inocente prazer

do pecado do homem.

“a solidão acompanhada”

faz ver-me

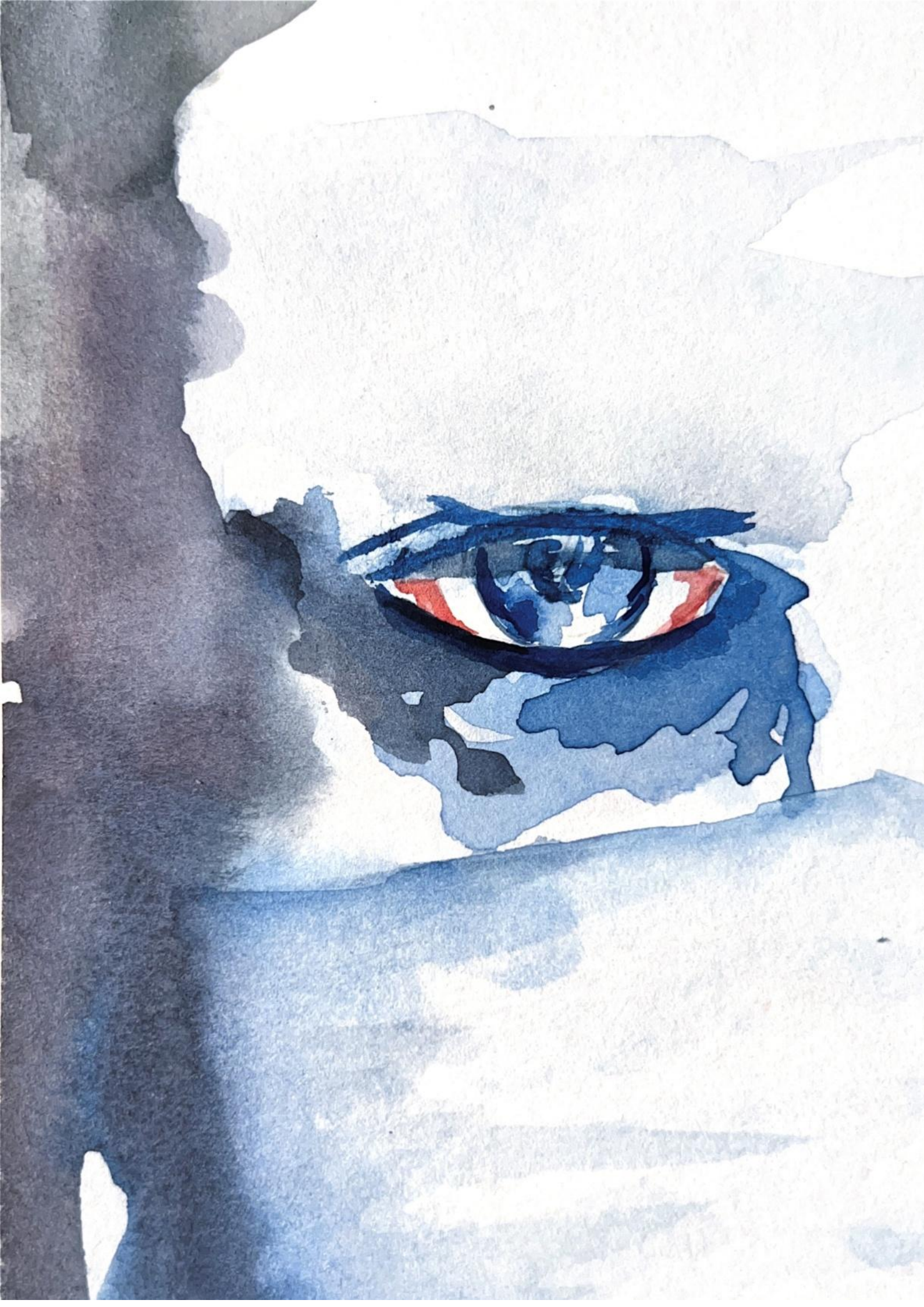
enquanto simples ser desprotegido de existência.

fascino-me!



DETALHE QUE PROPICIA VIDA

Pulsos em punhos
atados e aos prantos
que se rasgam
em querer estar livres
duros metais
escuros e em pontas
a furar vida
arrgue...
estou farta
das feridas expostas
ou só cobertas por capas
e me é perfurado
o ferro em espeto
a jorrar as lágrimas de pulsos
estrangulados.



O FIM

Ronda a pesada esfera de chumbo,
desaba
perco vida carregada, esmagada...
lágrimas de verdades lanço em meu velório
era tanto o medo da monstruosidade
que ela chega sem escrúpulo algum.
choro pela sincera tia e por toda sua ternura
o corpo em sua morte sofre convulsões
sufoca...
a tarde vem em nuvens escuras

silêncio pesado.



SAUDADES

Incontroláveis sentires,
câncer!
verme aguda que suga.
o ódio é o nobre
que reina nas vestes da boa menina.

galopa na jaula do esquecimento
a tortuosa saudade.



ACIDEZ

Tudo sangra em forte dor
rasga o cosmo
e a magia perde-se em revolta

jorros cristalinos desprendem
a morte é certa
o gritar...

tudo ao redor é ácido
me é retorcido às entranhas

a dor...
o foder da vida

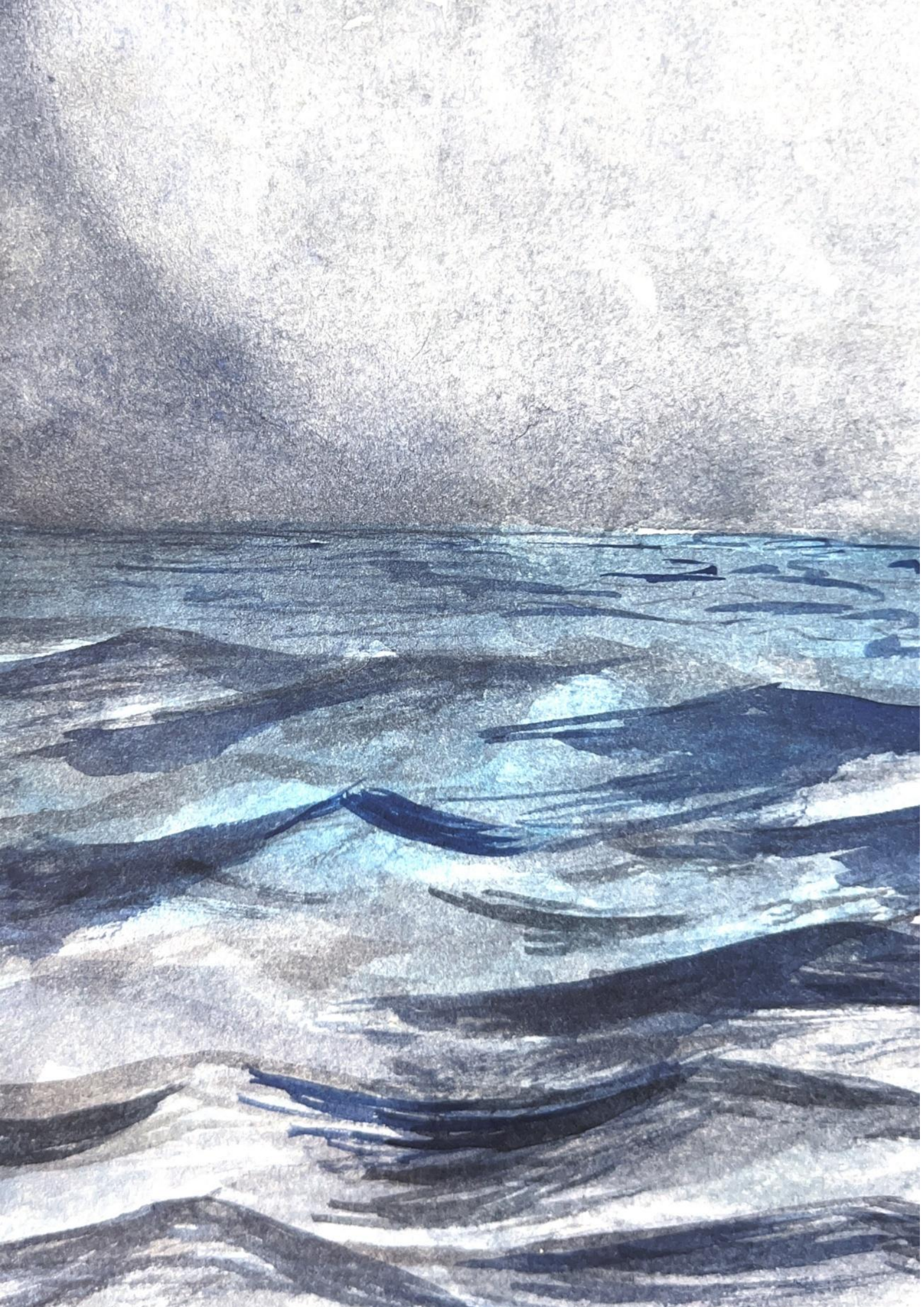
a solidez ejacula em minha face
forte cansaço em confundir-me em mundos

que o ardoroso me revigore.



INCÔMODO

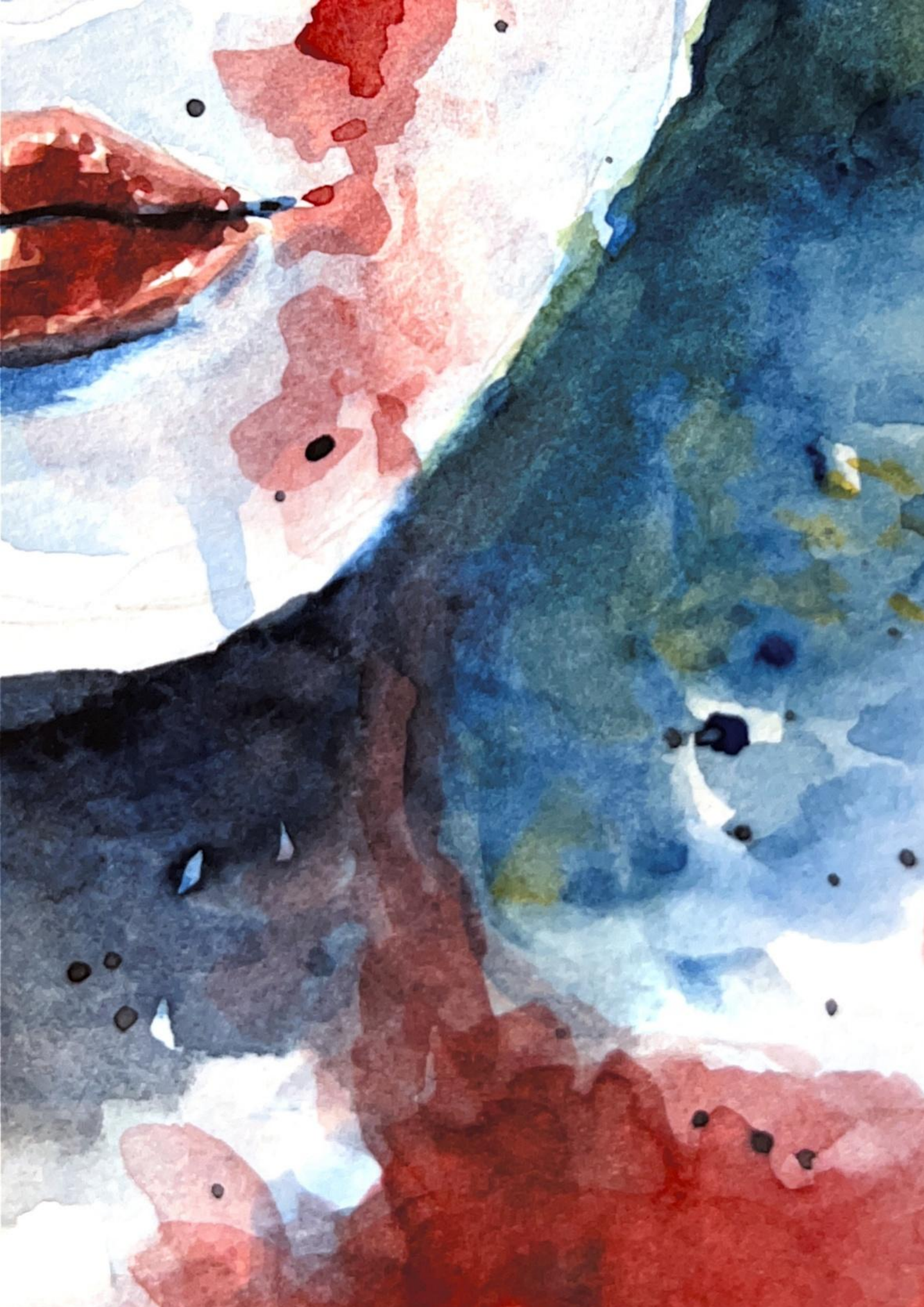
O incômodo
é o que me cabe por inteiro
finca
e um homem forte impotente
desliza sobre mim
preenchendo três centímetros
a mais do que eu possa
suportar
o aperto é inevitável
fico vazando a mim
extravaso.



CLIMA

Impossibilitada de mover-me
doença estranha que entranha
o fogo cai num torturante arder
acho que o inferno queima
o que corre nas veias
não mais corre
desrespeita o limite
estupra...
esse calor me fode os nervos
e o vapor sobe ao cérebro.

borbulha nessa massa cinzenta
o perturbado momento.



O PALCO

Sorumbáticos bailam no palco do silêncio
seus corpos fragilizados sem plateia
deus, todos são vistos em prata
muitos em suas danças fracassadas, cansadas
pernas bambas, braços já ao chão
sem comida, água, só dor
são passos em nós gritantes
que se enroscam em espetáculo
à procura de sustento

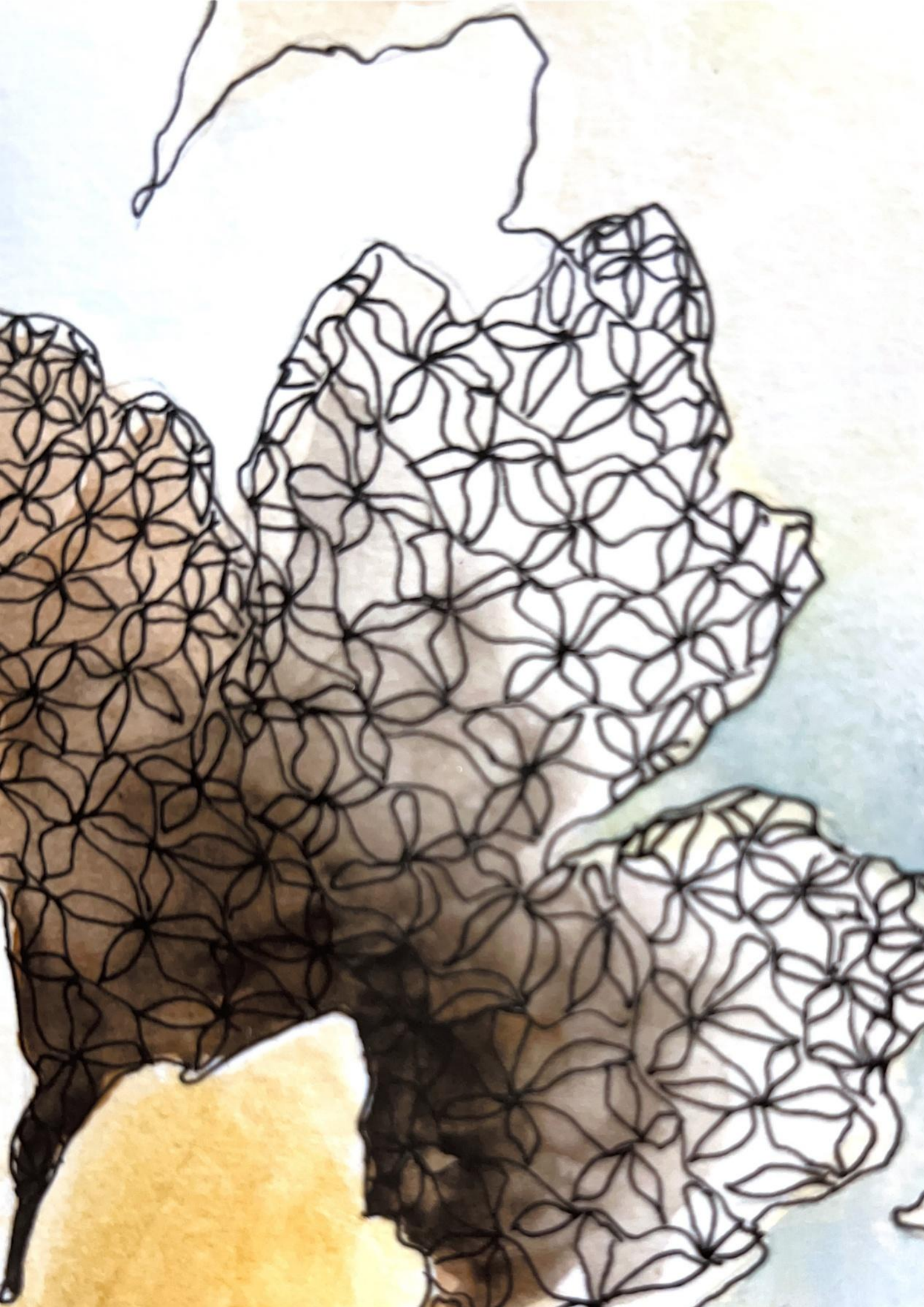
e que assistam todos...

e saboreiem...

essa é a arte da agonia

em que choro

não vem aos berros ou lágrimas.



“ADORÁVEL” ATMOSFERA

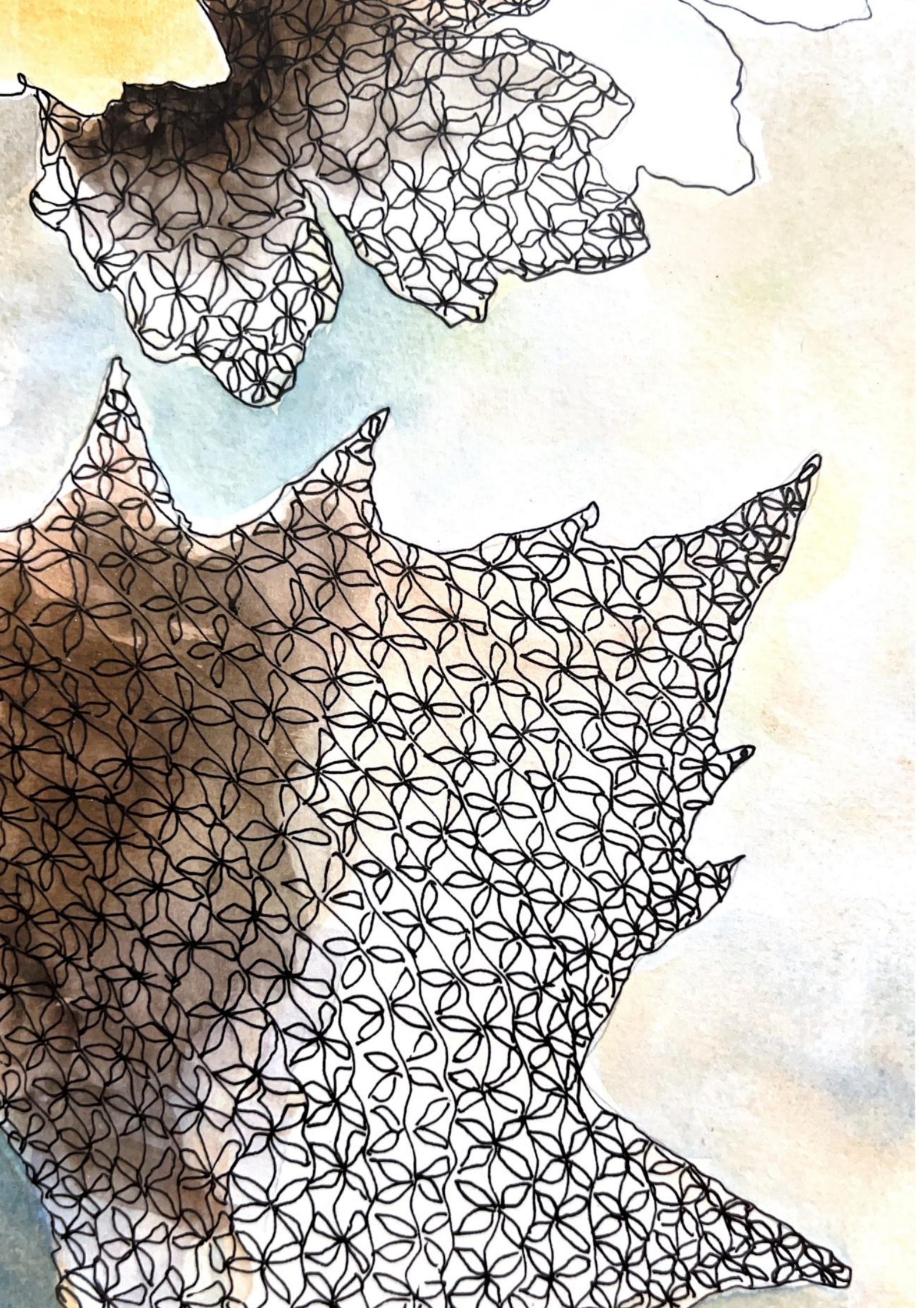
Desconstrói-se o ar
que antes leve agora em garras
a estraçalhar caminhos
o arder dos olhos é o não suportar ver
de um lado ao outro o abismo beira
enormes e pesados são os diamantes
que bailam na minha cabeça
estonteante todo o estafado instante
é adorável e carregado o ar
que rodeia até o massacre
e tudo a encontrar-se denso.



FÚRIA

Céus, infernos, mestre fúria:
explode em mim com todo
seu majestoso golpe
e com seu ácido desmancha o cérebro
que morto, pulsa em desconforto.
são torturantes as horas
que me rangem os dentes
até não mais existir
a dor que passeia
por todas as veias a espancá-las
com toda a sua furiosa velocidade
mãos que vêm às faces a degenerá-las

é o êxtase de todo um
furor!



“1 MG”

... foi dado o último trago
a fumaça que se expande no ar
me deixa oca
vazia

o sereno é calmo
contrasta com o barulho dos carros
que com toda velocidade são limitados a parar

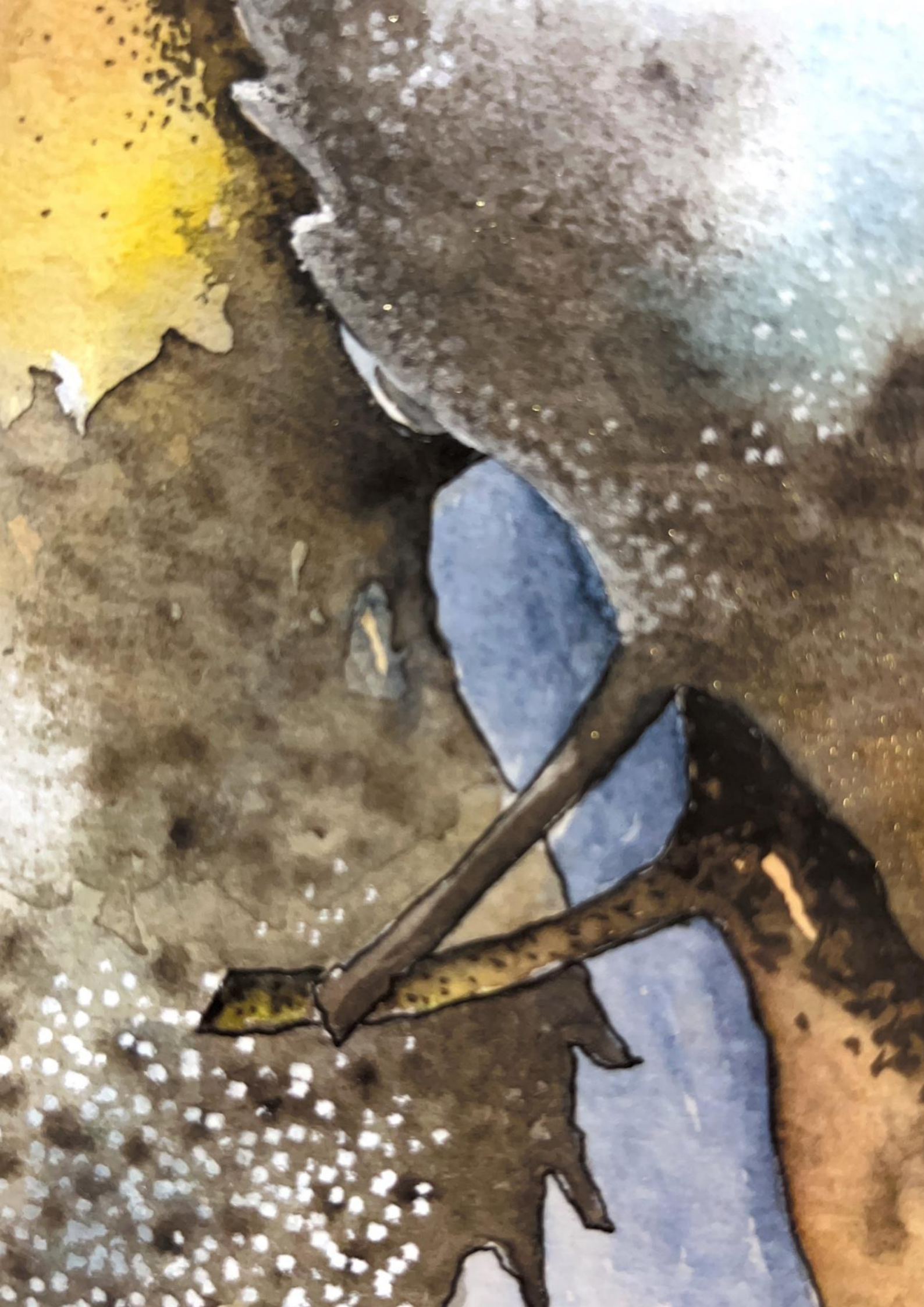
a noite é deserta e longa
e se não fosse o antonio
morreria

na agonia de não querer parar...



O MAR

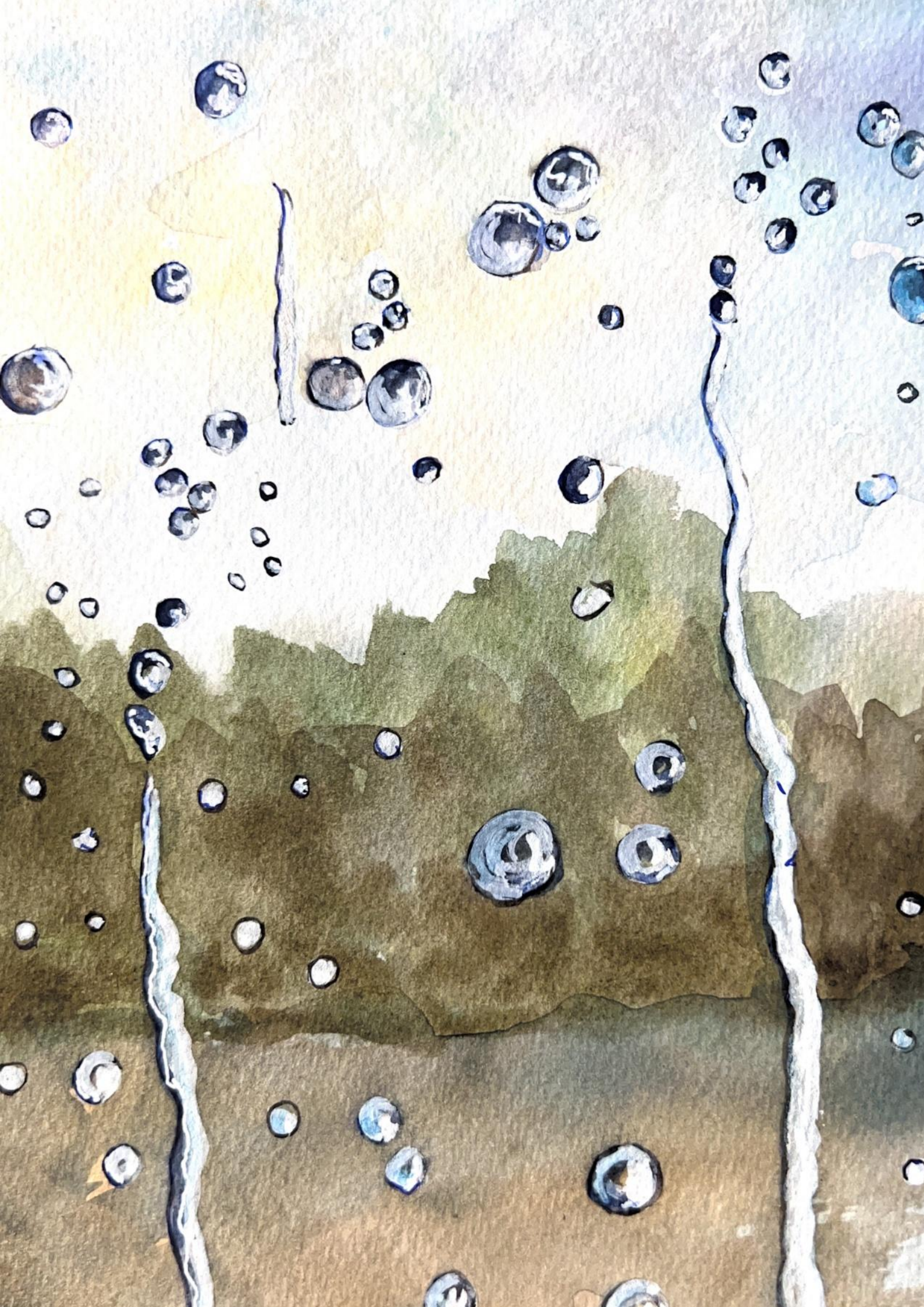
As pontas das velhas lanças
são gélidas
perfuram sem piedade o corpo
que frio cai ao fundo.
gargalhadas fúnebres agitam
a cabeça presa em enferrujadas âncoras
lançadas ao mar
e os gritos vêm...
cambaleados entre as algas
em gemidos sufocados.



VERTIGEM PARA SALVAÇÃO

Mil cães a ladrar
num barulho infernal
o mundo gira a 360° por segundo
num turbilhão de enfiurecer humanos
que gritam, choram e caem ao chão
mostra-se tudo enlouquecedor
o êxtase é estar perdido
são gritos, sussurros e gemidos

é o tempo deus
pra ti sair de longa saia vermelha
a girar por aí.



“THZSSSSSS...”

E que os meus órgãos
queimem e thzssssss...
como a brasa
em restos de água da chuva
em uma mesa úmida de cimento
e que todos os risos
dados a não sei o quê
venham cobrir o corpo de lã
nessa tentativa efervescente
de entender o pensamento humano
três cérebros ao redor da cinza de concreto
buscando o inferno ou céu
da poesia sangrenta
de pura declaração
da verdade de homens.



TIME

A distância não mais satisfaz
e morrer é preciso
e matar é preciso
mesmo que em vida.

a pulsação é um explosivo
afastem de mim o fogo
explodir é certo

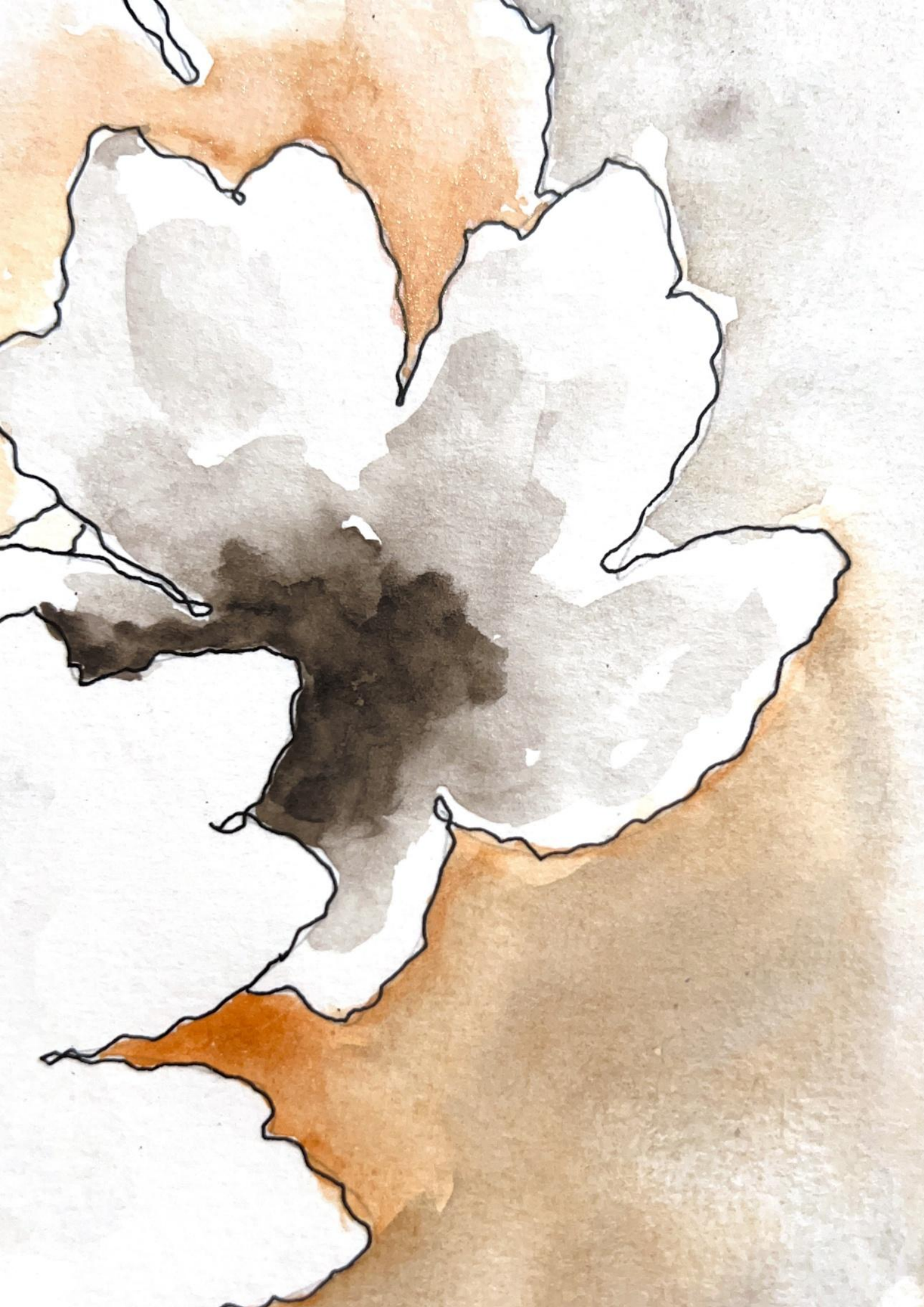
o teu sono me angustia
petrifico-me inconformada
do fundo ao fundo
o vazio reina

e inconformo-me com o tempo.



É VIDA AINDA

O cristal desce lentamente em cérebros
o líquido não dispersa
fere em farta orgia
giros não intencionais passeiam
aos suaves desejos do ilimitado mundo austero
presos em sonhos malucos
de incompreensível flor
incompreensível brio
incompreensível dor
os processos de livre associação
são requeridos a obediência existencial
dos que rotulam.
preciosos paradoxos incomuns
em teu livre ser
em meu preso seio
da noite calma, assombrosa e
vazia.



PENÚLTIMOS SUSPIROS

I

O real ferve em ferro-flor
buscam-se ficções para cozinhar as “linguiças” da vida
e constrangimentos são certos
até quando paira a cintilante luz...
nem sempre as palavras são suficientes
para em meu peito rebentar o pedaço.
oculta-se o dia
isso são lamas certas de um sonho fulgás
entendimento em gargalhadas explodem
o melhor momento.

II

Sinto o alívio por um dia
em que ao deitar-me em camas estranhas
eu possa ver arcos e ruínas
são pegadas na noite que vão deixando marcas
que resistem ao tempo e passados
o bocejo desperta o ciclo da vida
dormir não mais.



(OUTRAS) HORAS

É o frio que toma nua e desprotegida
lágrimas de fogo
sobre pele gélida.

rodeados de abismos e com um gosto de língua amargo
que consomem-se a língua
e consome em línguas.

são bolhas em caldeirões transbordando nossos restos
e pedaços que nada mais valem.

quando o momento calmo prometido encontrar o pouso
gigantescos e tamanhos serão arcos e sublimes

parece vagar em mares botões de magias
e os rostos perdidos aos céus
a voar em cavalos

machados, foices e pregos
desprendem do alto e mergulham
nos seus travesseiros de nuvens.



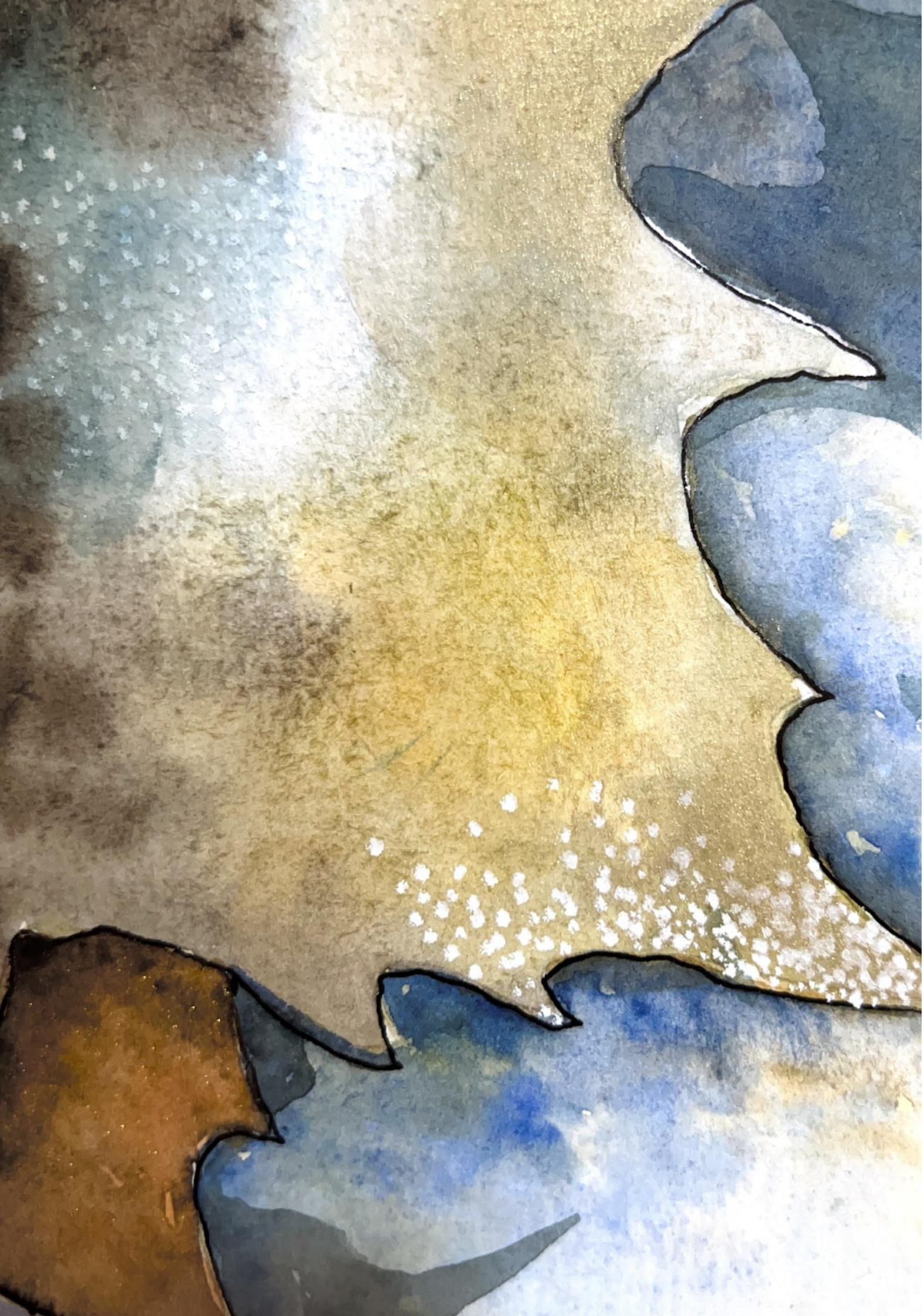
INSINCERIDADE

O meu canto se dissolve
a homens de um tempo que não estão vivos
coros de gritos se fazem ouvir
e reconhecer os espaços que devoram
dominando o cósmico,
esvaindo-se em mentiras,
remorsos.

muitos mastigaram o medo de estarem sós.

o meu canto cresce e se dissolve,
e agora em vidas belas
trazendo entre os dentes a chama, a linhagem.

cruéis os tempos em que sempre nos faltam verdades.



MESA DE BAR

Um brinde às deformidades humanas.

Ao cair da tarde cinza com seus pássaros

em busca do suicídio,

de encontro ao deserto,

secos de pensar rumo ao desconhecido prazer.

Ao gozo da luz na madrugada embriagada e vazia,

ao cosmo,

às vertigens,

aos deuses soberanos e ocupados demais com os suplícios terrenos.

À angústia de face mergulhada em copos rasos,

ao poder de brindar a real insanidade de ser,

por tanto,

nada,

humano.



CÁSSIA PIRES Professora e Coordenadora do Curso Licenciatura em Teatro CCTE CCH UFMA Pós-doutorado ECA/USP, Doutora em Artes Performativas (Lisboa PT), Mestre em Teatro/UNIRIO, Coordenadora do GPPP (Grupo de Pesquisas e Prática da Performance) CNPQ–UFMA, Integrante do Grupo de Pesquisa Encenação e Corporeidades CENACORPO/CNPQ – UFMA, Fundadora da Abluir Produções Artísticas, Atriz, Diretora de Teatro, Pesquisadora e Performer. Autora de: Coreiras: Performance e Jogo no Tambor de Crioula EDUFMA 2020 e A Rainha da Solidão: Poéticas de uma performance EDUFMA 2022.

II - O SAL EM OUTROS LÁBIOS

(Poetas Convidados)

Susana Pinheiro

VOLTA

Sigo meus passos tortuosos
Nas longas horas atormentadas
Em meio aos áridos espaços
O caminho me assombra
Nele há cinzas, poeira e pranto

O tempo corre no olhar que abrevia
Meus pés cansados caminham lentos
Persistem, doem e continuo
Teimando em caminhar

Mas ao descer a escadaria fria
Aquecida pelo ardor solar
O som do vento invade a vida
Assopra para longe as cinzas e a poeira
E vejo o Ipê Rosa
Permanecem a flor, a cor e a dor.

O Que Resta
E tudo ruiu
Caiu sob meus pés,

Sobre a minha cabeça incrédula e tola
O que sobrou era pura névoa de pó
Não, não era só isso
Havia algo a mais naquela densa
Névoa de pó cinza em meio
Ao que restou

E o que resta?
O que é que resta depois do barulho?
Do bruto fogo que corta o céu
E deita nas cidades?

Eu vos digo o que resta,
Resta o escombros, as pilhas de concreto
As cidades não existem mais
Resta a névoa cinza e o entulho desordenado

Resta o rastro vermelho
De baixo do corpo infante
Em choque e trêmulo, coberto
Do mais denso e impregnado pavor

O menino cinza grita em silêncio
Em sangue e em dor
Parem por favor.

MARIA SUSANA SILVA PINHEIRO Mestre em Cultura e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult/UFMA), Especialista em História da Arte e Arquitetura no Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e Graduada em Educação Artística pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Atua nas áreas de artes visuais e educação, pintura, desenho, escultura e História da Arte.

Antonio Aílton

CASA DAS TULHAS

para vocês

olho para o céu e não é abril
estamos depois dos ícones

nuvens

restam

plásticas

escancarando no ar feito sacolas – que nos revelam
para o vento –

saudades de Tribuzi de Nauro de Gullar
da Movelaria Guanabara

e das quitandas que se perderam

sem que eu de nada entendesse

eles estavam por aí e também beberam

esta mesma cachacinha de aroeira

indecisos entre a tarde e o bronze

tornaram-se abril de calçadas moribundas

a crítica se foi, só a ironia

nos resta

no desgaste dos pantheões

e este gole este

gole

e esta tarde fodida

ouço vozes:

já morri

ou nasci

fora dos lábios?

ANTÔNIO AILTON Poeta, professor doutor em Letras, pesquisador em Teoria e Crítica Literária, com foco na poesia brasileira contemporânea.

Eduardo Júlio

ODE AO POETA NÁUFRAGO

dizem que era ele mesmo
andando descalço na beira-rio
vestido de napoleão
com um cocar tremembé

falando um dialeto normando
com os estivadores bêbados

toda noite no cais de guimarães
as discussões eram longas
mas ninguém se lembrava
quando amanhecia

EDUARDO JÚLIO Nascido em São Luís, é poeta e jornalista. Publicou os livros de poemas “Alguma trilha além” (2005 - prêmio editorial da Secretaria de Cultura do Maranhão), “O mar que restou nos olhos” (2020 - 7 Letras - finalista do prêmio Jabuti), “O sopro do lugar junto ao tempo” (2022 - 7 Letras) e “Longo poente à deriva” (2024 – 7 Letras).

Vitória Miranda Gomes

PARA QUE ME AMEM

Para que me amem
necessitam brincar
por entre minhas loucuras.
Porque sou artista
e vivo andando
pelos becos da melancolia.
E é a minha insanidade
que me embala
e me nina
desde menina.
Por entre esquinas estreitas
que levavam a caminhos,
caminhos sinuosos e distintos,
por entre neurônios também distintos
que se desconectam
e se dissociam.
Para que me ame
tens de saber
que sou muito mais
do que esse corpo de gata

que ronrona.

Sou muito mais

mania

e devaneios.

A criatividade

que em mim pulsa

expulsa a sanidade

que grita por socorro

das mãos de uma alucinada

que vive a bater propositalmente

o dedo mindinho nas quinas

só para sentir

a dor pulsante da vida,

que mais se parece

com um eterno morrer.

Pra que me amar

se não me compreendes?

Se esperas

que eu fique na sua estante

a te esperar

como se fosse um manequim de carne

e não esses ossos

que rangem.

Não posso te ensinar

como se ama,

porque amar

não é molde.

Amar se parece

com a fluidez

de nossos corpos

quando escorrem.
Tenho de ter a certeza
de que, além de me amar,
irá me gostar
quando eu for insana
e fizer as coisas sem pensar,
no impulso de gozar da vida —
assim como alguém
que pula de um avião em movimento
sem paraquedas
e de olhos vendados.

VITÓRIA MIRANDA GOMES Caloura do curso de teatro na UFMA, artista, interessada nas artes em geral e escritora de poesia.

Paulo Melo Sousa

CONTEMPLAÇÃO DA AMPULHETA

moro no futuro do passado que não virá
o enigma do amanhã é meu agora
pretérito imperfeito a conjugar os sonhos adiados
reles naufragos das migalhas de uma perdida fé
o que restou das dores e das alegrias?
um punhado de areia pânica escorrendo pelos dedos da imemória
dias e noites e dias e noites e dias
e este inexplicável domingo que não acaba

PAULO MELO SOUSA Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA; possui graduação em Comunicação Social pela UFMA (1991) e graduação em Desenho Industrial - UFMA (1984), com Especialização em Linguística Aplicada ao Uso das Línguas Materna e Estrangeira e em Jornalismo Cultural (UFMA). Atualmente atua como jornalista. Poeta, ambientalista, pesquisador de cultura popular, escritor com várias premiações em concursos literários, professor e fundador da Sociedade de Astronomia do Maranhão – SAMA.

Tayla Cristina Ferreira Oliveira

NO BATUQUE DA MEMÓRIA

Anica
guerreira caixeira
o toque das tuas palavras
ainda hoje ressoa
nas fibras do meu coração
No bater da tua caixa
teu nome nos revigora
mulher de encanto
brilho e graça
viva memória de outrora
Em cada doce lembrança
que invade a minha mente
revejo os traços suaves
do amor um dia presente
Do brilho de antigas vivências
brota a esperança do encontro
o amor renasce num canto
e o puro
raro passado
se torna esplêndido encanto

TAYLA CRISTINA FERREIRA Oliveira nasceu em 20 de fevereiro de 1992, na histórica cidade de Alcântara, Maranhão. Filha de Edith Ferreira e José de Ribamar Oliveira, Tayla Ferreira cresceu sob a influência direta da ancestralidade maranhense, sendo neta de Anna Benedita Ferreira (Anica), Caixeira mais antiga do Festejo do Divino Espírito Santo de sua região.

Jorgeana Braga

ALCÂNTARA

Praia barco

Lis correndo

Ana Borges boiando

Marilda cozinhando uritinga

Theo

lendo a mensagem do mar

em folhas caídas.

JORGEANA BRAGA Preta, escritora e poeta, professora de Filosofia da rede pública e educação popular, integra os povos de terreiro. Publicou Janelas que escondem espíritos (poesia), a casa do sentido vermelho (romance), e com o seu Táxi Uirá, livro de poesia, é semi finalista do prêmio Oceanos 2024, além de textos e poemas em diversas coletâneas. Mora em São Luís MA. Andarilha nas horas vagas.

Dias Neto

ARREPSIA

Pasmo

vejo passar os dias

meses

dois copiosos anos,

a consciência,

o homem

interior

instável.

Mergulhado

em obedecer,

aceitar,

compreender.

Perplexo,

deveria ser

de simples compreensão

ou se tornado loucura,

a aproximação

desse vil transgressor

com o Altíssimo

instaurador de sua salvação?

Processo,

aceitar que

o Espírito ajustado

Dele,

testifica

com o esbodegado

meu,

a respeito de quem sou

e possa vir a ser

promulga

em meu psiquê

obedecer.

“Minha graça te basta”

me faz baixar a guarda,

“Tudo contribui para o bem...”

tem sido uma lixa

que põe à prova

e desbasta.

Incompleto

me ponho a esperar

confiado

no que há de voltar

que tudo sabe

e tudo pode promulgar.

Seria certo afirmar

que irei vivenciar também

a tal loucura

“Que tudo contribui para o bem”

nesse caso

duvido.

Incerteza,

assim me vejo

no conto

do perfeito

revoando

no imperfeito.

SEBASTIÃO DOS SANTOS DIAS NETO Poeta, membro fundador da Academia de Letras, Ciências, Artes e Filosofia - ALCAF em Alcântara - MA, ocupando a Cadeira 16. Nascido em 03 de junho de 1962, em São Luís - MA, filho de Maria Benita Moraes Dias e de Agnélo Bispo Barros.

Adriana Gama de Araújo

ORÁCULO

na palma da tua mão
está a memória do raio
que acendeu a fogueira
da primeira experiência
fora dos limites da fome,
do cansaço e do medo
sonho:
voltar a ser bicho
desenhar com o corpo
o sol na tua língua
a largura da noite.

ADRIANA GAMA DE ARAÚJO Graduada em História pela Universidade Estadual do Maranhão com Mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora da Rede Pública Estadual e Municipal (São Luís - MA). Editora na Olho D'água Edições. Poeta. Publicou os livros de poemas: Mural de Nuvens para Dias de Chuva (2018), TRaNSíTo (2019), Metábole, (2021) e Na Intimidade de um Ser Estranho (2024)

Marcello Chalvinski

O TERCEIRO LADO DA PONTE

os delírios estão de volta
& agitam seus estandartes
envoltos em nuvens de vodka
& canções imaginárias

antropófaga companhia
literária
esta minha solidão
salafrária
ri-se a contemplar a correria
das tropas incendiárias

pela ponte
de avarias várias
vai o ar
vai a palavra
vão os ais
vão as árias
pela ponte
vão as gentes
vão as alimárias

por entre postes
vãos & vogais
consoantes mercenárias
tramam emboscadas fatais

ensandecidos pelo avanço
de hordas tais
há adjetivos que se desprendem
há pilares que caem

pela ponte,
a marcha é pesada
os petrechos são de ferro
& as metáforas
rangem rangidos desiguais

vis,
os delírios avançam
em seu desejo vulcânico

a bela me sorri

o governo da página
entra em pânico

MARCELLO CHALVINSKI Cosmógrafo das profundezas, mapeia o silêncio e traça rotas para o inesperado. Nascido em Curitiba, no ano de 1965, deixou o Sul ainda jovem, atraído pela estrada mais nômade. Parou depois de muito Brasil, ao apaixonar-se pela Ilha de Upaon-Açu, onde sua alma respira pela palavra. É poeta, escritor e compositor.

© 2026 Cássia Pires. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer meio ou forma, seja eletrônico ou mecânico, sem autorização prévia por escrito da autora e autores convidados e da editora, exceto em citações breves para fins de crítica ou resenha.

As opiniões expressas nesta obra são de responsabilidade exclusiva da autora/autores e não refletem necessariamente a posição da editora. Esta obra é de caráter literário, e qualquer semelhança com pessoas ou situações reais é mera coincidência, exceto quando expressamente indicado. Ilustrações de Susana Pinheiro.

Realizado o Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

TÍTULO	Sal nos Lábios do Tempo
ORGANIZADORA	Cássia Pires
SUPORTE	Digital
PROJETO GRÁFICO E CAPA	Marcello Chalvinski/Susana Pinheiro
PÁGINAS	67
TIPOGRAFIA	Baskerville Old Face CORPO Baskerville Old Face TÍTULOS



**EDITORA
ASSOCIADA
À ABEU**
abeu.org.br

ISBN: 978-65-5363-589-0



9 782311 501049